



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na inauguração do Centro de Produção de Antígenos Bacterianos “Charles Mérieux”

Rio de Janeiro-RJ, 05 de agosto de 2004

Meu querido companheiro Humberto Costa, ministro da Saúde,
Meu querido companheiro Tarso Genro, ministro da Educação,
Meu querido companheiro Eduardo Campos, ministro da Ciência e Tecnologia,
Minha querida companheira Marisa,
Meu querido companheiro Paulo Buss, presidente da Fundação Oswaldo Cruz,
Meus queridos companheiros e companheiras parlamentares,
Meu caro companheiro Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira, presidente da Firjan,
Meus queridos amigos e amigas pesquisadores da Fiocruz,
Funcionários e funcionárias da Fiocruz,
Alunos e alunas da Escola Politécnica Joaquim Venâncio,
Meus companheiros e companheiras da imprensa,
Meus queridos amigos,

Na verdade, eu não precisaria nem fazer um discurso aqui, porque tudo o que está no meu discurso já foi dito. Este é o problema de fazer discurso por escrito e ter quatro ou cinco companheiros falando antes da gente.

Mas, de qualquer forma, eu não vou perder a oportunidade de falar algumas palavras para vocês, dizendo aos amigos da Fiocruz que irei, de forma muito honrada, pendurar na sala da minha casa, não no Palácio do Planalto, numa moldura bem bonita, esse diploma. E prometo a vocês que



esse título Doutor Honoris Causa não será utilizado para coisas não sérias. Podem ficar certos que eu não vou clinicar com esse diploma, porque se fosse Doutor Honoris Causa em ciências políticas, eu até poderia fazer um pouco de política. Mas, em se tratando de saúde, eu vou respeitar os profissionais do nosso país.

Desde pequeno, ou melhor, eu não sou tão grande, mas desde muito criança, eu, e possivelmente todos vocês, um dia ouvimos dos pais a seguinte frase: “se tiver saúde, o resto a gente faz”. Isso acontece, sobretudo, no meio da população mais pobre do país, ou seja, na situação mais difícil em que esteja um chefe de família, uma mãe ou um pai, normalmente eles dizem: “o importante é ter saúde, com saúde a gente enfrenta qualquer adversidade.” Essa é uma máxima que marca a minha visão de governo sobre a questão da saúde.

Foi por isso que um dia, conversando com o ministro Humberto Costa, eu dizia: não é possível, Ministro, que a gente ligue a televisão e ouça alguém dizendo, ou veja as imagens daquelas pessoas no Hospital Souza Aguiar, no Hospital Geral de Bonsucesso, no Hospital Miguel Couto, sempre aquelas filas de gente, as pessoas sendo maltratadas, sempre mais gente do que o hospital tem possibilidade de atender, com pessoas tomando injeções em corredores. E eu falei para o companheiro Humberto Costa: Humberto, nós temos que fazer alguma coisa. Nós não podemos ficar imaginando se o hospital é municipal, se é estadual, se é federal, se é internacional. Nós temos que fazer alguma coisa. Esse povo quando chega num hospital, que é um lugar onde a gente chega mais alquebrado, onde a gente chega mais diminuído, a gente tem que ser tratado com respeito, com carinho, e o carinho vale mais do que uma injeção, às vezes, vale mais do que um antibiótico.

Pedi para o companheiro Humberto Costa que faça um levantamento no Rio de Janeiro e vamos tratar do governo federal bancar, criar alguns centros de excelência aqui, no Rio de Janeiro, para que a televisão comece a mostrar



não apenas coisas ruins, mas comece a mostrar que tem coisas excepcionais no Rio de Janeiro também.

E para nossa felicidade, o governo federal está assumindo a responsabilidade de fazer a reforma no hospital Souza Aguiar, no Hospital-Geral de Bonsucesso, no hospital Miguel Couto, no hospital do Andaraí e no hospital Rocha Faria, só aqui no Rio de Janeiro, mais alguns no Rio Grande do Sul, mais alguns em Pernambuco, mais alguns em Minas Gerais, porque o hospital, quando um paciente chega, dependendo da primeira imagem que ele tiver... é como quando nasce um filho, ou seja, dependendo da primeira cara que o filho olhar, isso vai lhe marcar. Eu nunca deixei a molecada ver a minha para não se assustar, então, eu virava logo para a Marisa.

Mas quando a pessoa chega num hospital, dependendo do ambiente, já fica pelo menos 20% melhor, dependendo do sorriso da atendente, mais 10% melhor; dependendo do tratamento do médico, com carinho, mais 10% melhor. Depois vai ficar tudo mais fácil porque vai precisar de apenas 50% de medicamentos. Então, eu acho que essa é uma coisa à qual o Ministério da Saúde está se dedicando.

Uma outra coisa que é importante dizer, aqui, porque estou na frente de cientistas importantes, pessoas que produzem soluções para os problemas da saúde no Brasil, outra coisa com que eu nunca me conformei é que a saúde bucal nunca foi tratada como uma questão de saúde pública. Desde os tempos em que eu era dirigente sindical, quando a Volkswagen, a Ford e a Mercedes Benz estabeleciam convênios com empresas prestadoras de assistência médica. Lá, cuidavam até da unha do dedão do pé, mas não cuidavam da boca.

Eu ficava indignado porque é exatamente pela boca onde entram 99% de todas as doenças que a gente tem e ela não era tratada. Então, o companheiro Humberto Costa, ficou sensibilizado com o meu apelo e nós estamos construindo no Brasil, se Deus quiser, até dezembro de 2006, 400



centros de saúde bucal espalhados por todo o território nacional para tratamentos delicados como canal, porque eu não sei se vocês sabem, mas muita gente do povo, mais humilde, não tem dinheiro para fazer uma obturação, então, a coisa mais comum é chegar no dentista, dizer que está doendo, e ele mandar arrancar o dente. Eu sou de um tempo em que o trabalhador ia no sindicato pedir para arrancarem um dente para ele ganhar o dia.

Então, nós, com esses 400 centros, vamos fazer tratamento de canal, vamos fazer a correção que, hoje, só gente de classe média pode fazer. E vamos fazer prótese para que a gente garanta o direito de sorrir a milhões de pessoas pobres neste país, que aos 17, 18 anos já perderam metade dos dentes da boca. Essa eu acho que vai ser uma marca, meu caro Humberto, que você certamente passará para a história, como o Ministro da Saúde que definitivamente se preocupou com a saúde bucal do nosso país.

Além disso, eu penso que nós, quando fazemos investimentos numa instituição como esta, nós apenas estamos respeitando o povo brasileiro e fazendo com que o povo tenha direito àquilo que está na Declaração Universal dos Direitos Humanos, aquilo que está na Bíblia, aquilo que está na nossa Constituição e aquilo que está na maioria dos estatutos que regulam entidades, que é o direito ao respeito, à dignidade. A Fiocruz significa muito, mas muito para o nosso país e eu penso que qualquer investimento que façamos aqui é pouco diante do que a Fiocruz já fez por este país.

A Fiocruz nos orgulha, a todos nós brasileiros. Sua importância é marcada não só pelos grandes nomes que aqui já trabalharam, como Oswaldo Cruz ou Carlos Chagas, mas também pelas inúmeras vidas que foram salvas pelas vacinas e medicamentos pesquisados ou produzidos nos últimos 100 anos.

Como qualquer instituição pública, a Fundação Instituto Oswaldo Cruz venceu muitos desafios em sua história, ora por falta de atenção do governo



federal, ora por não contar com as verbas que seriam necessárias para que seu trabalho fosse desenvolvido ou simplesmente mantido de forma adequada.

Apesar dessas dificuldades, a Fiocruz se manteve firme no papel de ser um dos principais centros de desenvolvimento e produção de vacinas e medicamentos do Brasil.

E atingiu esse patamar competindo com laboratórios de porte mundial. E, nos últimos anos, resistiu a um falso consenso que queria o Estado mínimo e fraco.

A excelência da Fiocruz mostrou como o investimento do Estado na produção de medicamentos e vacinas pode ser uma alternativa eficiente para as políticas de saúde. Mostrou que podemos desenvolver tecnologias e produzir medicamentos de interesse da população, gastando menos.

Mostrou também que alocar recursos para a saúde significa investir em uma sociedade sadia, com nossas crianças crescendo livres de muitas doenças evitáveis.

Eu costumo repetir que alocar recursos para a saúde em áreas como saneamento básico ou vacinas não é gasto mas, sim, investimento.

É o caso, por exemplo, das vacinas para meningite que serão produzidas, aqui, em Manguinhos. Além do seu valor ético e social, vacinar as pessoas é também uma medida que evita gastos muito maiores no futuro.

Uma vacina contra meningite custa 23 reais. Tratar uma pessoa com essa doença resulta numa despesa média de 650 reais. Por si só, fica muito mais barato prevenir do que remediar.

Meus amigos, minhas amigas,

A importância que este governo dá à Fiocruz e aos trabalhos aqui conduzidos não se limita a palavras de reconhecimento. Significa a garantia de investimentos no desenvolvimento e na produção.

É o caso do novo Centro de Produção de Vacinas Bacterianas, que inauguramos aqui hoje. Além de produzir as vacinas contra vários tipos de



meningite, ele vai permitir a economia anual de 10 milhões de reais com a compra de vacinas importadas para o bacilo que causa influenza. Eu espero, meu querido Humberto, que os 10 milhões que a gente vai economizar, que a gente reinvesta para poder economizar outros 10 milhões depois.

Toda a nossa demanda interna será suprida com essa produção, que poderá até ser exportada para o Mercosul. Ao mesmo tempo, garantimos recursos do Ministério da Saúde de cerca de 42 milhões de reais para completar, até 2005, o Centro de Produção de Antígenos Virais que já está sendo construído.

Esse centro irá produzir, a cada ano, 60 milhões de doses de vacinas para sarampo, caxumba e rubéola, e outros 20 milhões de doses de outras vacinas.

Além de produzir os antígenos que já estão sendo usados, o centro poderá, no futuro, fabricar vacinas que ainda estão sendo desenvolvidas e testadas, como é o caso da vacina contra a dengue.

O dia de hoje marca também um fato inédito na história da nossa saúde. Pela primeira vez, o Estado brasileiro, através da Fiocruz, está comprando uma fábrica de medicamentos que até então pertencia à iniciativa privada. Essa fábrica, que utiliza tecnologia de ponta e que entrou em funcionamento há apenas quatro anos, seria desativada pelos seus antigos proprietários.

Nós negociamos e encontramos uma fórmula para resolver o problema e adquirimos por 18 milhões de reais, recuperando um patrimônio muito superior que estará a serviço da saúde pública.

A planta recém-comprada permitirá à Fiocruz não só aumentar em mais de cinco vezes sua produção de medicamentos, chegando a mais de 10 bilhões de unidades em 2007, como também produzirá em escala nacional os antibióticos mais usados no Brasil.

Se somarmos todos os laboratórios públicos, veremos que os investimentos do governo federal cresceram cinco vezes nos primeiros 18



meses do nosso mandato, chegando a 36 milhões de reais. Este ano, o investimento será muito maior, da ordem de 80 milhões de reais.

Meus amigos, minhas amigas da Fiocruz,

Hoje, também tive a oportunidade de inaugurar a nova sede da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. É uma nova edificação, muito mais adequada ao grande número de estudantes, técnicos e professores que a freqüentam diariamente.

O ensino profissionalizante é um tema muito importante para mim, que tive nele a oportunidade de melhorar de vida. Afinal, como os companheiros e as companheiras sabem, foi através do Senai que pude me tornar um torneiro mecânico, antes de virar Doutor Honoris Causa, e ingressar no mercado formal de trabalho.

Essa escola, que está ganhando uma nova sede hoje é, para muitos jovens, tão importante quanto o Senai foi para mim. Sua excelência em formar técnicos de nível médio é reconhecida no Brasil e no exterior. Em nosso país, ela é a cabeça da rede do ensino técnico em saúde.

As atividades da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio foram consideradas exemplares pela Organização Mundial da Saúde, que deverá utilizá-las em outros países.

Eu queria terminar dizendo a todos vocês que está de parabéns a Fiocruz, está de parabéns a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. O que vocês fazem pelo nosso povo engrandece a todos nós.

Queria dizer aos sindicalistas que carinhosamente me entregaram um documento que, como sindicalista que fui, eu conheço, muitas vezes, a angústia de vocês, representando os interesses dos trabalhadores. Um grande problema que nós enfrentamos no Brasil é que quase tudo ligado ao funcionalismo público está atrasado 10, 12, 15, 20, 17, 18, 19 anos, ou seja, não se consegue recuperar as coisas que atrasaram tanto tempo de uma hora para a outra. As pessoas não podem esquecer que nós temos apenas 18



meses de governo, não temos 18 anos e nem podemos ter, porque o mandato é só de quatro anos. Mas o que as pessoas têm que acreditar é que, quando terminar o nosso mandato, nós vamos continuar trabalhando para que este país possa mudar.

Então, cada um de nós lá, os ministros, vamos fazer o máximo que pudermos fazer para que a gente possa recuperar o tempo perdido, para que a gente possa tentar recuperar o descaso que houve no desmonte da máquina pública deste país, porque durante muito tempo, a pretexto de terceirizar serviços importantes, e a pretexto de privatizar muitos setores, se inventou que o funcionalismo público brasileiro não era competente e não tinha competência.

Aqui, na Fiocruz, a gente tem a fotografia, o retrato, o mapa e a amostragem da decência que é o servidor público, quando ele é tratado com respeito e com dignidade pelo governo de uma cidade, de um estado ou de um país.

Eu quero, portanto, dizer que vocês, para mim, significam muito, como uma propaganda que está passando na televisão agora, em que aparecem várias pessoas, mas aqui o mais famoso é o Ronaldinho, que aparece mostrando a garra do brasileiro.

Eu acho que todo dia, de manhã, nós precisamos nos levantar e pensar o seguinte: não há país nenhum do mundo que consiga dar passos importantes, em nenhuma área, se as pessoas não estiverem com a auto-estima muito elevada, se as pessoas não estiverem acreditando naquilo que estão fazendo, se as pessoas se acharem subalternas, se não tiverem garra para lutar.

Eu já fiquei desempregado muito tempo. Já fiquei um ano e dois meses desempregado na minha vida, e eu sei que é duro ficar desempregado. Mas a gente não pode permitir que nenhuma desgraça na vida humana possa abater a nossa moral, possa abater a nossa auto-estima, porque se um chefe de família fica abatido, ele passa esse abatimento para os filhos, ele passa para a



mulher, ele passa para os vizinhos.

Então, mesmo nos momentos mais difíceis, nós precisamos começar a utilizar aquela frase, daquela propaganda; nós temos que olhar sempre para a frente, olhar para a cara dos nossos filhos, olhar para a cara da nossa mulher, olhar para a cara dos nossos companheiros e dizer: “Eu sou brasileiro e brasileira, não desisto nunca e eu tenho certeza que vou conquistar as coisas em que eu acredito.” Da mesma forma que eu tenho certeza que este país nunca mais voltará a ser um país conformado com a pobreza e com a miséria, como foi até agora. Nós vamos poder provar, nestes quatro anos de mandato, que o Brasil bem governado pode ser exemplo para competir com qualquer país do mundo.

E a Fiocruz, quem sabe, pudesse servir de cartão postal para a gente mostrar, em se tratando de pesquisa, que a gente não deve nada a nenhum país, em se tratando de produzir remédios, de produzir vacinas. O Brasil compete com qualquer país do mundo e a Fiocruz é um cartão postal. Podem ficar certos, meu caro Buss, que eu, em qualquer lugar do mundo, terei muito orgulho em dizer que no Brasil tem uma instituição da qualidade da Fiocruz. E isso só vai engrandecer o nosso país.

Meus parabéns a todos vocês. Que Deus os abençoe e que a Fiocruz continue produzindo o que ela sabe produzir, que é a saúde do nosso povo.